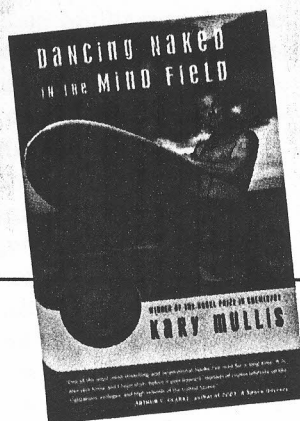




Uma história irreverente e nada convencional

Dancing naked in the mind field

Kary Mullis

Nova York, Pantheon Books, 222pp. US\$ 24

A curiosidade sobre o mundo natural é universal entre as crianças desde a mais tenra idade. Quem não se lembra de ter ficado imaginando por que dia e noite se sucedem inexoravelmente, ou de observar as fileiras organizadas de formigas, tentando entender o que elas dizem umas às outras, ou ainda ficar elocubrando sobre como é possível uma árvore tão grande ter nascido de uma semente tão pequena? Se essa curiosidade é assim generalizada pode ser saciada a partir do conhecimento científico ensinado na escola, por que uma proporção tão pequena, e decrescente, daqueles que freqüentam as aulas continua a se interessar por ciência e uma fração ainda menor decide seguir uma carreira científica?

Tal questão tem preocupado bastante os educadores, cientistas e autoridades governamentais nos mais diferentes países por ser generalizada. Estudos realizados para identificar a origem do problema têm revelado que, devido à maneira como a ciência é ensinada em todos os níveis escolares, os estudantes são levados a acreditar que ela é uma atividade difícil, que exige dedicação

total e exclusiva, obrigando seus praticantes a abrir mão de outros interesses, até mesmo do convívio familiar. Em outras palavras, é quase um sacerdócio e, ainda por cima, mal remunerado. Os próprios cientistas fazem muito pouco para mudar essa imagem popular da ciência, já que a confirmação dela, de certa maneira, serve para ressaltar os 'atributos especiais' daqueles que se dedicam ao avanço da pesquisa.

Visto dessa perspectiva, o livro do bioquímico norte-americano Kary Mullis – agraciado com o prêmio Nobel de Química de 1993 pela invenção do PCR (*polymerase chain reaction*), técnica de replicação de DNA que viabilizou os avanços atuais em biologia molecular – é totalmente inovador. Ele destrói a imagem do cientista que não sai de seu laboratório e apresenta outro profissional que, tendo recebido o reconhecimento máximo na profissão, nunca deixou de viver intensamente nem de manter vários interesses: do surfe, que pratica diariamente, à astronomia e vida extraterrestre. Sem falar de outras coisas mais mundanas, como a paixão pelo sexo oposto e suas tão criticadas revelações de ter

tomado LSD e experimentado drogas que sintetizava em seu laboratório nos efervescentes anos da cultura *hippie*. Para Kary Mullis, o “laboratório é apenas mais um lugar para brincar”, de certa maneira uma extensão das experiências químicas que, desde criança, conduzia na garagem de sua casa em Colúmbia, Carolina do Sul (ele não é da Califórnia, como a maioria das pessoas acredita).

Assim, muito mais do que revelar que os cientistas, mesmo os mais famosos, são pessoas que sentem e vivem como outras quaisquer, o que Kary Mullis deixa claro é que fazer ciência é uma atividade bastante divertida. Essa concepção, segundo ele, desenvolveu-se durante o contato com alguns mentores que tiveram importância fundamental em sua vida – desde a mãe até o orientador de doutorado em Berkeley, passando pelo professor de química no colegial, que deixava o laboratório aberto para todos os estudantes, após as aulas. Isto é mais um indicador de que a apreciação pela ciência é algo que se constrói e que, como tal, depende do ambiente e das influências recebidas em casa e na escola.

Apesar de sua paixão pela ciência, Kary Mullis reconhece as limitações do conhecimento científico quando aplicado a situações da vida real. Convocado como testemunha de defesa no controvertido julgamento do jogador de futebol americano O.J. Simpson, ainda que não tenha deposto, ele explica aos leitores que as evidências genéticas não são absolutas e que sua interpretação pode ser influenciada por julgamentos preconcebidos. Reconhece também que o 'sistema social da ciência' não tem nada de especial no seu funcionamento: linhas de pesquisa ganham proeminência, reputações são construídas e destruídas, prêmios são concedidos dentro de uma estrutura de poder bastante resistente a inovações e controlada por uma elite.

Enfim, ainda que escrito pelo inventor do PCR, *Dancing naked in the mind field* (Dançando nu no campo da mente) não é o relato do autor sobre sua invenção, mas sobre si mesmo: sobre suas paixões, suas crenças, incluindo a ciência. Nada em Kary Mullis é convencional, daí porque este livro, provavelmente, vai incomodar muitas pessoas e, talvez como já previu o autor britânico de ficção científica Arthur Clarke, seja até ignorado ou banido pelo *establishment* científico. De fato, tem muito no livro para não se gostar: o estilo literário é medíocre, o autor é bastante arrogante e seu tratamento de certas questões ronda a permissividade moral. Apesar disso tudo, o livro é divertido certo: informativo, curioso, instigante, revelador, controvertido, escrito pelo mais famoso cientista excêntrico do nosso tempo.

Léa Velho

Departamento de Política Científica e Tecnológica,
Instituto de Geociências,
Universidade Estadual
de Campinas

Idéias econômicas, decisões políticas

Lourdes Sola

São Paulo, Edusp, 500pp., R\$ 35,00

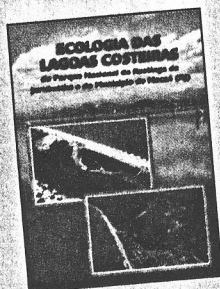
As políticas econômicas são tema crucial nos debates sobre os rumos do país. Lourdes Sola, adaptando sua tese de doutorado defendida na Universidade de Oxford (Inglaterra), trata do assunto de uma perspectiva transdisciplinar e reconstrói um período-chave da história brasileira, entre o fim do Estado Novo até o golpe de 1964. O livro trata das relações entre as mudanças econômicas e as políticas durante a vigência da democracia populista, destacando os processos decisórios que moldaram a evolução do capitalismo brasileiro. Com o estudo das sucessivas políticas econômicas nacionais, a autora explica seus sucessos, fracassos e discute questões mais gerais como as origens do desenvolvimentismo e o populismo.



Ecologia das lagoas costeiras

Francisco de Assis Esteves (org.)

Rio de Janeiro, Nupen/UFRJ, 442pp., R\$ 40,00



O Rio de Janeiro é um dos estados brasileiros com maior número de lagoas costeiras; no entanto, esses ecossistemas têm sido pouco preservados. Importantes econômica e socialmente, as lagoas só poderão ser recuperadas com a realização de pesquisas para sua preservação. Diante desse quadro, pesquisadores do Laboratório de Limnologia do Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) vêm pesquisando, há mais de 15 anos, inúmeras lagoas nos municípios de Macaé e Carapebus. Os principais resultados desse trabalho, que deu maior ênfase às lagoas localizadas dentro do Parque Nacional da Restinga de

Jurubatiba, foram publicados neste livro. Estão registradas as principais modificações provocadas pelos constantes impactos sofridos por esses ecossistemas e também propostas, desenvolvidas ao longo da pesquisa, para a recuperação da estabilidade ecológica. O livro pode ser adquirido no Laboratório de Limnologia, Departamento de Ecologia, do Instituto de Biologia da UFRJ, Cidade Universitária, RJ. Caixa Postal: 68020, CEP 21940-540. Tel.: (021) 270-4950.

Biodiversidade em Minas Gerais

Claudia M. R. da Costa e outros

Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas, 94 pp., R\$ 50,00

Um atlas da biodiversidade de Minas Gerais foi desenvolvido a partir de um *workshop* que contou com a participação de 121 especialistas de universidades, institutos de pesquisa, organizações governamentais e não-governamentais e empresas. Em uma edição bem cuidada, com belas fotos, são mostradas características físicas e paisagísticas de Minas, assim como aspectos políticos e econômicos. Foi também realizada uma análise de como está sendo conservada a natureza do estado e das políticas atuais. Foram estabelecidas por grupos temáticos de trabalho, as prioridades de conservação de aves, mamíferos, anfíbios, peixes etc. Ao final do atlas, são recomendadas as diretrizes para que a biodiversidade mineira seja recuperada e conservada. Para comprar o atlas, deve-se entrar em contato com a Fundação Biodiversitas: tel.: (031) 291-9673. E-mail: biodiversitas@biodiversitas.org

